

Gama sobrecarregado

Próximo a cidades como Novo Gama, Pedregal e Valparaíso, o Hospital Regional do Gama (HRG) é o que mais sente o peso dos pacientes do Entorno. Tanto proporcionalmente como em termos absolutos, o HRG lidera o recebimento de doentes de fora do DF. De 234.904 pacientes que passaram pela emergência da unidade neste ano, 102.385 vinham de outros estados, o que representa 43,59% do total.

Em relação às internações, os números são ainda mais evidentes. Das 12.054 pessoas que se internaram no hospital em 2005, 7.522 (62,4%) não eram do DF. Por dia, o HRG recebe de 15 a 20 ambulâncias do Entorno. O diretor interino, Sérgio Miyazaki, não tem dúvidas de que a carência de saúde nos municípios goianos é responsável pela saturação do hospital.

"Há algumas semanas, os partos caíram de 900 para 750 por mês", relembra Miyazaki. "Descobrimos que Luziânia e Cidade Ocidental tinham recebido equipamentos, mas tudo voltou ao normal quando as duas cidades pararam de atender às gestantes."

Por causa da proximidade com a divisa com Goiás, grande parte dos pacientes do Entorno nem precisa de ambulância e chega ao HRG de ônibus, como fez a desempregada Joilda de Souza. Sem encontrar dentista para atender a filha, de 12 anos, a moradora do Novo Gama reclamava na emergência do Hospital, ontem, às 13h. "Agora terei de ir ao hospital da Asa Sul para cuidar da dor", disse.

No Hospital de Base, o maior do DF, os pacientes de outros estados respondem por 28,6% das internações e 11,6% dos atendimentos de emergência. No entanto, segundo o diretor, Milton Menezes, o número, algumas vezes, chega a 40%. "Se os 1,2 mil pacientes diários da emergência fossem reduzidos nessa proporção, receberíamos de 400 a 500 pessoas a menos por dia", estima.

Para Menezes, a sobrecarga é ainda maior por causa do atendimento especializado. "Somos a única unidade da rede pública a oferecer serviços em áreas como neurocirurgia, cirurgias torácicas e cardíacas", explica. A desinformação também contribui para ampliar o fluxo de pacientes do hospital. "Muita gente poderia ser perfeitamente atendida em hospitais menores", acrescenta.

Apesar das reclamações de Menezes, o fato é

"Muita gente aparece com problemas que poderiam ser atendidos em hospitais menores"

Milton Menezes,
diretor do Hospital de Base
do Distrito Federal

que a maioria dos municípios do Entorno não está aparelhada sequer para as especialidades mais simples. Com a clavícula quebrada desde terça-feira, Graciele Pereira, 12 anos, veio de Cabeceira Grande (MG). No posto de saúde da comunidade, não havia gaze para enfaixá-la. No hospital de Unaí, faltava gesso. "Só me engessaram aqui", conta.

Sem hematologista na cidade natal para cuidar da anemia do filho Hellian Santos, 2 anos, a trabalhadora rural Eliane Moraes, 27 anos, acompanhava Graciele na ambulância ontem, às 12h. "Consegui tratamento apenas no Hospital de Base", alega.